

JUVENTUDES LIBERTÁRIAS E A PRODUÇÃO DE CONFETOS ANÁRQUICOS: a emergência da autogestão caosordem^{90*}

Sandro Soares de Souza⁹¹

POSEDUC/UERN

Sandra Haydeé Petit⁹²

PPGE/UFC

Resumo

Este artigo analisa os conceitos metafóricos sobre a autogestão produzidos pelo grupo-pesquisador sociopoético, composto por jovens libertários da cidade de Fortaleza/CE, entre 2007-2010. A pesquisa sociopoética, realizada com um grupo de jovens anarquistas, permitiu a elaboração de inúmeros confetos (um híbrido composto por conceito e afeto) sobre a autogestão libertária. O diferencial da pesquisa sociopoética é a produção coletiva de conceitos; conceitos filosóficos produzidos a partir das vivências experimentadas pelo grupo-pesquisador. As juventudes, dentro da cena anarquista fortalezense, em sua pluralidade de ações políticas moleculares, vivenciaram experiências autogeridas sob a forma de coletivos libertários. A pesquisa sociopoética, neste contexto, permitiu a emergência de confetos polissêmicos e criativos sobre a autogestão; entre eles, analisa-se o confeto Autogestão Caosordem pelo seu potencial maquínico.

Palavras chave: Pesquisa Sociopoética; Juventudes; Autogestão Libertária; Anarquismo Contemporâneo; confetos sociopoéticos.

90 * Recebido em: agosto/2013. – Acesso em: setembro/2013.

91 Pedagogo e Pesquisador Sociopoeta, Professor Adjunto IV da Faculdade de Educação da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. Doutor em Educação Brasileira pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Ceará. E-mail: sandrosoaresd@hotmail.com.

92 Professora da Universidade Federal do Ceará. Tem experiência na área de Educação, com ênfase na Educação Popular e nas relações étnico-raciais (negros e índios), hoje dedicada essencialmente aos temas: sociopoética, cosmovisão africana educação afrodescendente, pretagogia. É coordenadora do NACE- Núcleo das Africanidades Cearenses. E-mail: negapetit@gmail.com.

Libertarian youths producing anarchist confetti – the emergence of chaosorder self-management

Abstract

This paper analyses the metaphoric concepts related to self-management produced by a sociopoetical researcher-group, formed by young libertarians living in the city of Fortaleza (Ceará) between 2007 and 2010. The sociopoetical research done with a group of young anarchists, enabled the making of inumerous confetti (a hybrid misture of concept and affect) related to libertarian self-management. The difference between sociopoetical research and other methods is the collective production of concepts, philosophical concepts produced thanks to the experimental activities lived out by the researcher group. The groups of youths, within Fortaleza's anarchist scene and its plural forms os political molecular actions, experienced self-management as libertarian collectives. Within this context, the sociopoetical research enabled the emergence os creative and polysemic confetti about self-management. Among these, the confetti of caosorder self-management is here analysed because of its philosophical and political potencial.

Keywords: Sociopoetical research – youths – libertarian self-management – Contemporary Anarchism – sociopoetical confetti

Este artigo traz um recorte da tese intitulada: “Corpos movediços, vivências libertárias: a criação de *confetos* sociopoéticos acerca da autogestão”, na qual se mostram os conceitos metafóricos produzidos acerca da autogestão pelo grupo-pesquisador sociopoético, composto por jovens libertários da cidade de Fortaleza. A pesquisa sociopoética, realizada com essa juventude anarquista contemporânea, permitiu a emergência de inúmeros *confetos* (agenciamentos maquínicos) sobre a autogestão libertária. As juventudes, dentro da cena anarquista fortalezense, em sua pluralidade de ações político-libidinais, experimentavam uma série criativa de atividades em torno de coletivos ou de eventos aglutinadores. A pesquisa sociopoética, nesse contexto, permitiu a emergência de confetos polissêmicos e criativos sobre a autogestão. Tais confetos, produzidos por esses jovens, compõem o corpo deste artigo, que ora se apresenta.

A Sociopoética é uma abordagem de pesquisa que traz para o âmbito da investigação acadêmica práticas criativas e

inovadoras quanto à construção de novos saberes; os dispositivos que emergem na pesquisa sociopoética permitem a produção de “objetos intelectuais mestiços ou pluriacentuados, sem identidade fixa, que se tornam temas de elaboração coletiva...” (GAUTHIER, 2005, p. 1)

O grupo-pesquisador foi composto por grupos juvenis que mantinham implicações diretas com práticas autônomas e autogeridas, seja porque faziam parte de coletivos anarquistas (Coletivo 12 Macacos, Organização Resistência Libertária²) seja porque vivenciavam uma experiência existencial autônoma (participantes do Hardcore e do Movimento Anarco-Punk, os Vegans, e os membros da Casa da Lagartixa Preta – este coletivo é da cidade de Santo André, São Paulo, e manteve fortes vinculações colaborativas com a pesquisa e a cena libertária fortalezense). A pesquisa aconteceu num momento de expansão dos grupos libertários juvenis na cena política cearense.

O diferencial da pesquisa sociopoética é a produção coletiva de conceitos; conceitos filosóficos são produzidos com base nas vivências experimentadas pelo grupo-pesquisador. Na Sociopoética esses conceitos são chamados de *confetos* (GAUTHIER, 2001) – um misto singular entre a racionalidade e a fruição artística, entre Apolo e Dionísio, entre conceitos e afetos. Eles são produzidos coletivamente pelo grupo-pesquisador. Os *confetos* são conceitos filosóficos no sentido deleuziano do termo, são atravessamentos:

A filosofia consiste sempre em inventar conceitos. [...] A filosofia tem uma função que permanece perfeitamente atual, criar conceitos. Ninguém o pode fazer em seu lugar. Logicamente que a filosofia sempre teve seus rivais, desde os “rivais” de Platão até o bufão de Zarathustra. A filosofia não é comunicativa, nem contemplativa ou reflexiva: ela é, por natureza, criadora ou mesmo revolucionária na medida em que não cessa de criar novos conceitos. A única condição é de que eles tenham uma necessidade, mas também uma estranheza, e eles as têm na medida em que correspondem a verdadeiros problemas. O conceito é o que impede o pensamento de ser uma simples opinião, um conselho, uma discussão, uma conversa. Todo conceito é forçosamente um

paradoxo. [...] o conceito, [...], comporta duas outras dimensões, as do percepto e do afeto. [...]. Os perceptos não são percepções, são conjuntos de sensações e de relações que sobrevivem àqueles que experimentam. Os afetos não são sentimentos, são estes devires que desbordam o que passa por eles. (DELEUZE in ESCOBAR, 1991, p. 1-2).

Este é momento da pesquisa sociopoética em que é necessário fazer dialogar os confetos criados pelo grupo-pesquisador, os referenciais teóricos da pesquisa de maneira a produzir uma construção filosófica original. Nessa etapa da investigação, o pesquisador distancia-se do grupo-pesquisador e elabora sua produção, respeitando os significados atribuídos aos confetos pelo filósofo coletivo.

Procuramos em Proudhon (1809-1865), sociólogo anarquista francês, as primeiras referências à autogestão. Tendo vivenciado intensamente os processos de conturbações políticas e sociais na Europa durante a Revolução de 1848, ele vê emergir formas autônomas de luta dos trabalhadores, com as quais ele colabora para dar uma feição mais nítida: o anarquismo. Foi na França que o termo *autogestion* se estabeleceu em função dos fatos associados a 1848 e à Comuna de Paris, de 1871, além do Maio de 1968 – que lançaram a autogestão como tema político na ordem do dia. Autores como Daniel Guérin, Maurice Joyeux, ambos da primeira metade do século XX, os ativistas da Federação Anarquista francesa e René Lourau são também aqui tratados.

Proudhon é considerado o pai da autogestão – “*Proudhon est reconnu aujourd'hui comme le père de l'autogestion...*” (BANCAL, 1980, p. 3) –; mas para quem odeia o patriarcado e deseja o fim da família nuclear, essa paternidade reconhecida soa como uma reiteração do poder de Édipo, como reiteração da dominação do *pater*. Poderíamos, enfim, dizer de outra forma: Proudhon viu surgir a autogestão, e por ela quedou-se apaixonado.

Embora não tenha se referido ao termo autogestão, ao longo de sua obra filosófica (preferindo a palavra *mutuellisme*, mutualismo), Proudhon foi o primeiro a propor uma concepção antiestatal de gestão econômica, e o fez ao presenciar o surgi-

mento espontâneo de associações de trabalhadores no período da Revolução de 1848. Proudhon enxergou ali o nascimento da autogestão, e atribuiu a ela uma dimensão revolucionária, pois continha elementos potencialmente capazes de transformar radicalmente a ordem econômica liberal – a autogestão não seria fruto de uma elaboração teórica, nem da ação intencional do Estado, mas da organização dos trabalhadores industriais. Ele concebeu as massas trabalhadoras como força motriz das revoluções, notadamente pela sua espontaneidade orgânica.

Essa crença proudhoniana na espontaneidade revolucionária das massas conflitava com os ideais de um grupo emergente em sua época, os marxistas, os “*frère ennemi dos anarquistas*” (GUÉRIN, 1965, p. 42), que advogavam a favor de uma elite intelectual superior capaz de conduzir as massas nos processos revolucionários. Proudhon enxergava nessa elite superior uma força negativa capaz de paralisar as iniciativas das massas e de submeter seus desejos a uma nova forma de dominação... impossibilitando a emergência da autogestão (GUÉRIN, 1965). Com Proudhon, a autogestão passa a ser o fim último e o meio pelos quais a sociedade humana deve se transformar radicalmente – torna-se a bandeira de luta anarquista.

A autogestão é a base do que Proudhon denominou “Autonomia da Sociedade” (BANCAL, 1980); ele chama de autonomia da sociedade o poder latente e a possibilidade real dessa sociedade se organizar e de se autogovernar, sem que os aparelhos da economia e do Estado a dominem. O anarquismo propõe-se a construir uma sociedade sem o Estado – pela crença de que ele encarna a heterogestão (gestão de outrem) e de que é necessário à humanidade livre gerir sua própria vida (autogestão).

Um autor contemporâneo que trata da temática da autogestão libertária é Maurice Joyeux, intelectual anarquista francês e ativista da Fédération Anarchiste francesa; ele afirma que a autogestão é um termo de contornos imprecisos, porque usado por correntes políticas distintas em situações históricas distintas. Os marxistas, por exemplo, quando se referem ao termo, a partir da burocracia bolchevique (leninismo, stalinismo etc...), como autogestão nas fábricas, o inscrevem num esquema limitado pela experiência do centralismo e da planificação econômica, retirando

do termo quaisquer conotações anarquistas. A imprecisão dos contornos do termo autogestão, então, tem levado a conclusões equivocadas, segundo Joyeux, principalmente quando não se consideram algumas questões importantes: Quem faz a autogestão? Em benefício de quem se faz a autogestão?

Para Joyeux, dentro da tradição anarquista, a autogestão é obra da classe trabalhadora; ela é sinônimo de gestão trabalhadora: “[...], *gestion ouvrière et autogestion sont synonymes...*” (JOYEUX, 1973, p. 6) e, ainda mais especificamente, da classe trabalhadora revolucionária: “*La gestion ouvrière est donc inséparable d’une tactique et d’une stratégie révolutionnaires*” (JOYEUX, 1973, p. 9). A autogestão revolucionária e a anarquista não se coadunam com as formas liberais pelas quais o capital tem capturado a autogestão na contemporaneidade e dado a ela um formato destituído de qualquer conotação política. Assim, gerar uma empresa conservando a estrutura de classe social equivale a entregar aos trabalhadores a gestão de sua própria exploração: “*Gérer une entreprise en commun alors que cette entreprise conserve ses structures de classe consisterait pour les ouvriers à gérer leur propre exploitation.*” (JOYEUX, 1973, p. 6).

Tendo distinguido a concepção anarquista das experiências marxistas e liberais, Joyeux afirma que a autogestão libertária, que ele trata por gestão dos trabalhadores ou gestão direta

[...] est le fruit de la destruction complete du système économique de classes, sous toutes ses formes, capitalisme libéral ou étatique, de ses structures de coordination centralisées par l’Etat. La lutte révolutionnaire des destruction du système et la construction autogestionnaire doivent être simultanées. (JOYEUX, 1973, p. 45, grifos do autor).

Não basta os trabalhadores gerirem a empresa capitalista, é necessária a destruição completa do sistema econômico de classes; Joyeux afirma que a destruição do sistema implica, simultaneamente, na construção autogestionária.

Aqui cabe uma inserção do confeto **Autogestão Caosordem**, que irrompeu no grupo-pesquisador durante a vivência na mata da serra da Pacatuba. É uma autogestão que deseja o

caos, um caos destruidor da ordem social capitalística, e instaurador de novos ordenamentos sociais não centralizadores. Desde que as lutas anarquistas tornaram-se referência global de luta radical por liberdade, a palavra anarquia é associada a caos e a desordem; para muitos anarquistas essa associação não corresponderia ao real, pois o anarquismo deseja construir uma nova ordem na sociedade. Entretanto, a noção de caos não fere o anarquismo, pelo contrário, acende sua potência transformadora virulenta, pois seu propósito último é a destruição da ordem política e econômica liberal, e não se pode fazer isso sem gerar uma desordem imensa na estrutura social dominante. Entretanto, a autogestão caosordem não deseja somente construir uma nova ordem social, senão que novos ordenamentos – essa diferença sutil, entre construir uma sociedade anarquista e instaurar novos e difusos ordenamentos sociais não centralizados é importante, principalmente porque essa autogestão não deseja uma nova unidade, um novo universal... mas a pluralidade; não uma sociedade anarquista, mas inúmeras formas de organizações societais anárquicas...

A anarquia também é caos, ela desorganiza a ordem dominante e se propõe a destruir os mecanismos de controle e dominação da sociedade de massa; ela é caos no justo entender que o caos está presente no instante em que a anarquia deseja a desordem da ordem disciplinadora do mundo contemporâneo; destruição das dominações e das políticas do biopoder; caos anárquico sobre a sociedade de controle; caos sobre a família nuclear; muito caos anárquico nas instituições ortopédicas...

Joyeux aponta a estratégia revolucionária anarquista por excelência: a greve gestonária; lição aprendida a partir dos eventos de Maio de 1968, que, segundo ele, revelaram ao mundo a fragilidade do sistema capitalista moderno e apontaram a força das organizações não partidárias associadas à classe trabalhadora.

Para a Federação Anarquista Francesa, em sua publicação mais recente de 2005, a brochura *L'autogestion anarchiste*, a autogestão libertária é um projeto ou movimento social que aspira à autonomia do indivíduo, de maneira que os negócios e a economia sejam:

[...] dirigées par ceux qui sont directement liés à la production, la distribution et l'utilisation des biens et des services. Cette même attitude ne se limite pas à l'activité productive de biens et de service mais s'étend à la société toute entière, en proposant la gestion et la démocratie directe comme modèle de fonctionnement des institutions de participation collective. (COLLECTIF, 2005, p. 27)

A economia deve ser executada por aqueles diretamente relacionados com a produção, a distribuição e o consumo de bens e serviços. Essa mesma atitude não se limita a atividades produtivas de bens e serviços, mas se estende a toda a sociedade, sob a forma da democracia direta. Sua estrutura, sua organização e mesmo sua existência é fruto do desejo, do pensamento e da ação dos membros do grupo implicado (COLLECTIF, 2005), sem que se possam impor os modelos que serão construídos em cada caso. Não se aprende a autogestão por leituras; não se pode aprender a autogestão, senão autogerindo-se, mesmo que se cometam erros ao longo do caminho... Essas concepções de autogestão baseiam-se na experiência da Federação Anarquista francesa, mas também na Análise Institucional de René Lourau e na experiência libertária da Ecocomunidade del Sur, histórica comunidade anarquista situada no Uruguai, que vivencia contemporaneamente uma prática de comércio solidário local, fomentando a auto-organização dos pequenos agricultores e funcionando em rede com outras comunidades autogestionárias.

Para o Collectif da Federação Anarquista francesa, a autogestão se opõe à heterogestão, enquanto exercício de dominação política, econômica ou social de uma classe, um grupo ou um indivíduo sobre outros... Refletindo sobre as práticas autogestionárias dos grupos e suas relações contraditórias com a heterogestão, o filósofo institucionalista francês René Lourau, afirma que: "Nós funcionamos, todos, em todos os lugares, sob a heterogestão; ou seja, geridos por outrem. E a vivemos, geralmente, como coisa *natural*." (LOURAU, 1993, p.14. grifo do autor). Assim, o oposto da autogestão são todas as maneiras de dominação heterogestionárias que se exercem cotidianamente por meio do poder, em suas variadas formas de manifestação. O

que não significa dizer que não possamos vivenciar a autogestão, mesmo em um meio heterogestionário... construir fissuras, rachar, e traçar linhas de fuga... sempre.

Seja na lama do mangue ou na mata da serra, novos devires-autogestionários brotam no corpo coletivo do grupo-pesquisador sociopoético. Para este corpo-pesquisador, a vivência autogestionária fez aflorar a potência de fuga das culturas repressivas e de todo fascismo (micro ou macro); ela deseja se fazer atravessar por fluxos e contrafluxos incessantes, linhas de fuga, criando o novo, o outro diferente – essa é a *Autogestão Fuga*, que esse corpo-sociopoético criou. A fuga não como retirada ou abandono dos postos de luta, mas como criação singular; como na *Autogestão Do It Yourself* (também criada nessa pesquisa) em que grupos e indivíduos libertários criam linhas de fuga autogestionárias que subvertem as relações de convivência e destroem conceitos instituídos e codificados, sem esperar que outrem faça para eles – construir sua própria forma autogestionária. Como a folha do mangue, a folha da mata, que absorve a luz e a sintetiza em outra coisa distinta, uma *Autogestão Folha* faz surgir um outro-absolutamente-diferente. A autogestão não pode esperar que as formas heterogestoras baixem a guarda para que ela possa acontecer; mas deve fazer valer o desejo do novo, no hoje, e experimentar este outro-absolutamente-diferente no agora.

Como no Coletivo Ativismo ABC, de Santo André, que experimenta uma (con)vivência autogestionária no seu espaço cultural, a Casa da Lagartixa Preta – um enclave de resistência juvenil, uma confluência de desejos, uma máquina tribal – está voltada para uma vida libertária efetiva e aberta a um processo múltiplo de construção de subjetividades anárquicas no início do século XXI. Como se pode perceber no trecho seguinte da entrevista cedida ao Coletivo 12 Macacos, em Santo André, em 8 de fevereiro de 2008.

Entrevista do Coletivo 12 Macacos com o Coletivo Ativismo ABC

C12M – A autogestão é um conceito fundamental para o anarquismo; quase sempre esse conceito está vinculado a experiências economicistas de gestão do operariado na fábrica. Mas sabemos que a autogestão vai além dessas práticas; como que o Coletivo vivencia a experiência autogestivária no grupo e no cotidiano da Casa.

Caio Mona – Bom, eu acho que rola sim... mas existe sempre uma tensão. Eu gosto de fazer as coisas que sinto prazer em fazer. Tem dias que você vem para arrumar a Casa; mas tem dias que você vem e abre a Casa, mas quer ficar conversando com as pessoas na rua, as que passam e querem conhecer a Casa. Tem outras pessoas que gostam de arrumar a Casa e estabelecer uma ordem... tipo que não pode ter nada no chão, sujeira e tal... às vezes têm uns que acham que num tão fazendo nada e outros que acham que fazem demais... Eu pessoalmente me incomodo quando vejo que a pessoa tá fazendo demais. Eu penso... ah, pessoal, dá um tempo, deixa outra pessoa fazer. Na outra sexta-feira teve o almoço *freegan* e tinha um pessoal que dormiu na minha casa que veio de Praia Grande, de Araraquara, de Ribeirão Preto, pro Carnaval Revolução daí expliquei como que rolava o almoço *freegan*, então eles começaram a trampar; daí chegou uma outra galera que ficou de boa, enquanto os outros continuaram trampando. Daí eu disse: “dá um tempo, deixa o pessoal que chegou depois para trampar um pouco na cozinha também”. Até porque a cozinha não comporta 21 pessoas trampando ao mesmo tempo, alguém tem de sair para os outros colaborarem. Se não rolar assim, acaba que a pessoa não faz nada e termina só comendo no final, daí num há a troca, a aprendizagem. Para pagar as contas da Casa, a gente tem de fazer no coletivo... tem gente que consegue doar uma parte do aluguel em grana, mas eu, por exemplo, to desempregado já faz um tempo, então eu procuro vender cerveja em show, fico na banca, vendo alguma coisa, to pensando em fazer uma oficina de carteira com embalagem de leite [tetrapak].

Guilherme - Então, esse aqui é um espaço autogestionário, nós fazemos as coisas por nós mesmos. É um coletivo que atua de uma maneira solidária e difusa, [a gente] não tem chefe. A gente passa por algumas dificuldades, mas elas fazem parte desse processo. A gente divide tarefas, as pessoas ficam responsáveis por algumas coisas. Para pagar as contas da Casa a gente faz esse lance de vender cerveja, pintar camiseta, mas ainda dentro de uma lógica de sobrevivência “capitalista” entre aspas. Se a gente precisar de dinheiro, isso seria uma opção. Mas a gente pensa mesmo é na troca solidária de saberes.

Caio Mona - Tem as oficinas de estêncil, que a gente faz com chapas de pulmão [raios-X]; pinta camisetas; a Casa também tem o Baú de Dádivas, uma ideia que o Guilherme trouxe, que é o lance de trabalhar com coisas gratuitas; tem esse captador de água que a gente fez...

Guilherme - ... é, com os pés mais no chão, a gente tá sacando, passo a passo, o que a gente pode fazer na casa: a composteira, por exemplo. A horta que estamos fazendo, mais ecológica; realizar oficinas usando materiais recicláveis, que a gente pega por aí pelas ruas; fora isso, o espaço da casa é visitado por pessoas de fora que vêm a procura de atividades...

Caio Mona - ...como o evento vegetariano.

C12M – Dois macacos-prego, em Pernambuco, causaram polvorosa numa cidade interiorana, invadiram a casa de um pastor e destruíram a bíblia... [risos]... Caos. É preciso anarquizar o anarquismo?

Caio Mona – ah, muito... [risos] Essa coisa do anarquismo, dos anarquismos... sou formado em sociologia numa faculdade completamente marxista, e desde aquela época eu já me via como anarco, mas percebia que muitas coisas do autoritarismo dos marxistas estavam presentes em muitos anarquistas também: intolerância, centralismo... Uma paixão pelo passado, uma paixão pelo século XIX...

Guilherme – Como se dissessem “ah, os bons tempos... o passado é que era bom”. E ficam vendo o anarquismo só nos livros. Uma reviravolta boa aconteceu com as revoltas do final do século XX [referência às ações anticapitalistas, cuja batalha de Seattle, ocorrida em 1999, tornou-se um marco de um novo

anarquismo] e que deu uma boa chacoalhada em muitos conceitos. Nesse sentido, as pessoas eram muito fechadas, o anarquismo era muito fechado, ao longo dessas décadas meio que dormentes do anarquismo.

Caio Mona – Até gosto de brincar de dizer “sou monarquista”, porque é tão óbvio [hoje] ser anarquista... por isso gosto de brincar com essa obviedade, dizendo que sou um monarquista de esquerda e um anarquista de direita [risos]

C12M – ah, mas esse humor também é importante, porque você se colocar como anarquista mal-humorado é terrível [risos]

Caio Mona – Tem gente [anarquistas] que tem a cabeça tão cartesiana...

C12M – Sim, tem coisas muito cristalizadas dentro do anarquismo hoje...

Caio Mona – Dois caras anarquistas, que se dizem anarquistas, um tempo aí atrás, falaram que estavam fazendo armas em casa para revolução... tipo, sem noção do contexto que estamos vivendo hoje... imagina, o Estado com seu poderio todo, e os caras vão enfrentar com uma espingarda feita em casa... para falar tipo “sou anarquista” ... isso é coisa meio que década de 30. Acha que pode fazer a revolução da mesma forma como aconteceu 70-80 anos atrás. Eu falo por mim, não to falando agora pelo Coletivo... porque eu gosto do Individualismo do Stirner, para mim ações micro têm impacto. Você transformar a educação com o seu filho e abrir isso para compartilhar com outras pessoas pode ser um processo muito mais profundo do que querer ir fazer a política pública no Brasil inteiro...

Guilherme – Mas falando um pouquinho do ponto de vista do Coletivo... Eu quero dizer que o Coletivo ele é transformista [risos], ele busca transformar. Eu penso um pouco na ideia de rede, porque as pessoas vêm com aquela ideia quadrada de classe, uma classe acima da outra... só que nós não temos como atuar no todo, nem numa classe e nem numa sociedade... então a gente atua nos interstícios, como uma rede...

Caio Mona – Eu acho que tem de apoiar os anarco-sindicalistas... mas não é só aquela forma de pensar que é o anarquismo, só aquela forma de anarquismo é que pode existir. Eu

apoio e estou do lado, lógico... porque têm pessoas que acham que se não for esse anarquismo, é tudo muito falso, é brincadeira, não vai dar certo... é desperdiçar energia à toa...

Guilherme – Eu vejo a atuação anarquista, ou anarquizante, como algo em rede... não é você chegar com uma proposta pronta para um grupo separado de você. Mas se espalhar, a partir de si, você atuando dentro daquela proposta. Você sendo aquilo que gostaria que os outros praticassem. E fazendo com quem tá perto, e espalhando. Tem que atrair pessoas e se abrir também para outras trocas de experiências e relacionamentos... foi assim com o Baú das Dádivas, a experiência com o moitará de circulação de coisas (do Xingu), a troca de conhecimentos com o pessoal de uma escola itinerante da vida que a gente tomou conhecimento e precisa ampliar isso... então, não se trata de criar um gueto e se trancar nele, mas tentar se espalhar por aonde você vai passando.

Caio Mona – Atrair e traír [risos]

A autogestão libertária implica em fazer desaparecer os centros de poder, presentes nas relações político-sociais, nas corporações empresariais, nos partidos políticos, nas burocracias sindicais; um ordenamento político e social sem órgão decisório central, sem intermediários, sem representações, sem dirigentes e sem dirigidos. Por fim, segundo a Federação Anarquista Francesa, a autogestão anarquista é: “[...] *une tentative de modifier l’organisation sociale et la notion de politique, en mettant entre les mains de tous et de chacun, de façon directive et sans intermédiaire, toutes ses affaires.*” (COLLECTIF, 2005, p. 31).

Entretanto, a experiência autogestionária pode fazer emergir, como puro paradoxo, a figura do líder, do condutor. A pesquisa sociopoética imaginou uma **Autogestão Alto do Céu**, como um fantasma rondando as experiências libertárias – lá no alto, o indivíduo visa seu empoderamento dentro do grupo autogestor. Ela não consegue romper plenamente com os laços heterogestores, e vê emergir situações e lugares fascistas e centralizadores de poder.

Pablo Ortellado, refletindo sobre a atuação de grupos e indivíduos durante as manifestações políticas de resistência global ao capitalismo – movimento conhecido como os “Dias de

Ação Global” ou “Ação Global do Povos”, e que envolve a Batalha de Seattle – fala sobre como as organizações anarquistas, em coalizão transitória, e tendo que coabitar o mesmo movimento e conviver durante um longo período de tempo, organizando eventos e ações (muitas delas clandestinas e de afronta à ordem jurídica do Estado), gestaram esse momento político importante para o anarquismo contemporâneo e enfrentaram um inimigo interno: a emergência da liderança. Segue:

Apesar de operarmos de forma geral no formato de rede, o fato de utilizarmos reuniões amplas, abertas e participativas fez com que nossa rede fosse híbrida, formada tanto por grupos quanto por indivíduos. Não se tratava de uma rede de grupos que tinham posições definidas e se coordenavam, mas de um espaço onde grupos e indivíduos coabitavam de forma sobreposta e entrecruzada. Isso, na verdade, expressava uma tendência mais ampla dos próprios grupos de se estruturarem cada vez mais como redes e se tornarem eles também cada vez mais fluidos e indefinidos. Isso trazia, tanto para o âmbito da rede quanto para o âmbito dos grupos, novos desafios e questões. De todas as questões que enfrentamos, a da liderança foi, sem dúvida alguma, a mais controversa. Formada a partir de grupos anarquistas e autogestionários, a existência de lideranças em nossa coalizão sempre foi tabu. Em certo sentido, isso era ótimo, porque havia uma saudável aversão a qualquer manifestação de autoridade. Por outro lado, porém, o tabu impediu um debate tranquilo e aprofundado. (RYOKI; ORTELLADO, 2004, p. 19)

Os grupos autogestionários vivem a desobediência como ação política, desobediência como potência para criar outras formas de sociabilidade. Na serra da Pacatuba, surgiu a **Autogestão Desobediência**. As experiências autogestionárias do passado, e principalmente as contemporâneas, experimentam um desobedecer à ordem estabelecida, um desobedecer aos padrões codificados da sociedade, para produzir fissuras nas modelizações capitalistas. Desobedecer às estratégias de consumo, desobedecer

ao pleito eleitoral, desobedecer à heteronormatividade homofóbica, desobedecer aos padrões estéticos de viver...

Influenciado pela Autogestão Desobediência, o campo com o qual se deve lidar com a desobediência envolve, inclusive, concepções deterministas que encontram lugar de abrigo nas fileiras do anarquismo, é preciso desobedecer a certas leis fixas, estabelecidas por teóricos e militantes profissionais anarquistas. Desobedecer, recusar-se a seguir um caminho estabelecido por outrem como único e verdadeiro. Para Joyeux (1999), por exemplo, nenhuma experiência de autogestão pode, de fato, efetivar-se e ser vitoriosa se não houver um ambiente de revolução social já estabelecido; ele considera que as práticas autogestionárias que se desenvolvem numa economia hierarquizada, como a capitalista, são ilusórias:

Creio que ilhotas de autogestão, no quadro de uma sociedade capitalista, estão de antemão destinadas ao fracasso, esmagadas pelo meio circundante, pela hostilidade da classe dirigente, pela indiferença dos homens alienados. [...] No quadro de uma sociedade que conserva uma economia hierarquizada, a autogestão é, no melhor dos casos, um ilusão [...]. (JOYEUX, 1999, p. 71)

Recusa-se uma lógica que condena as experiências moleculares ao fracasso, pressupondo-se uma possível sobreposição do macro sobre o micro. Mas Guattari nos restitui as esperanças numa luta efetiva no agora, no hoje, sem a necessidade de “vitórias perenes”:

A construção de máquinas de luta, máquinas de guerra, de que estamos precisando para derrubar as situações do capitalismo e do imperialismo, não pode ter só objetivos políticos e sociais que se inscrevam num programa, encarnado por alguns líderes e alguns representantes. [...] A função da autonomia é aquela que permitirá captar todos os impulsos de desejo, todas as inteligências, não para fazê-la convergir num mesmo ponto central arborescente, mas para dispô-las num imenso rizoma, que atravessará todas as problemáticas sociais, tanto a

nível local, regional, quanto a nível nacional e internacional. (GUATTARI; ROLNIK, 1996, p. 177).

Bey afirma que não precisamos esperar que revoluções, num distante tempo-lugar, venham, por fim, redimir a humanidade das opressões que a perseguem. Podemos ser livres e experimentar a liberdade no agora, e de forma subversiva, insurreta e alegre: revolução é adiamento (BEY, 2001) autogestão é algo que fazemos no agora.

Desde meados do século XIX uma parcela da humanidade tem se preocupado com os níveis cada vez mais altos de degradação do planeta. A sociedade tecnológica de consumo destrói a natureza. Manter a sociedade de consumo requer um processo degradante sobre o meio ambiente; não basta a classe trabalhadora ascender ao poder fabril e político-econômico, é preciso quebrar a lógica do consumo destrutivo. Uma autogestão, mesmo que levada a cabo por trabalhadores organizados (anarquistas, marxistas etc...), se não respeita o meio ambiente, se não respeita as formas orgânicas e inorgânicas da natureza, perpetua a dominação e a opressão. É possível haver uma autogestão assim – o grupo-pesquisador criou a *Autogestão Laminha Preta* para nos fazer perceber que a perpetuação das relações de produção e consumo leva à degradação do meio ambiente; e que as práticas autogestionárias precisam estar atentas a esses processos, para não serem perpetuadoras dessas condições. Em contraposição, o grupo fez aparecer uma autogestão assentada na restauração das forças da natureza, que revigora a sociedade e filtra as degradações produzidas pela sociedade de consumo – é preciso fazer circular uma prática autogestionária capaz de reverter os processos de degradação e romper com o ritmo convergente de destruição do natural. Para isso, foi criada, na lama do mangue do rio Cocó, a *Autogestão Negro*. Interessante como a mesma lama do manguezal pôde gerar confetos com significados diferentes, mas é esse mesmo o propósito da produção sociopoética, garantir o aparecimento das sutilezas e das divergências.

Os grupos libertários contemporâneos mantêm um comprometimento com objetivos anarquistas históricos de construir dispositivos de ordem social onde o Estado e a propriedade privada

dos meios de produção sejam abolidos e pessoas se associem livremente em reordenamentos autônomos e autogeridos. A maioria desses grupos se inspira no anarquismo clássico, mas não são cópias decalcadas das experiências do passado; são, pelo contrário, construções criativas que reinventam o anarquismo e as práticas autogestionárias, revisitando velhas práticas, reapropriando-se ativamente de velhos saberes libertários, produzindo, assim, novas ideias e expressando dimensões até então ainda não experimentadas pelos anarquistas históricos e construindo formas não ortodoxas de sociabilidade entre seus membros.

Mas pode existir, contraditoriamente, também uma autogestão que negue o corpo e castigue a nudez de suas formas, que inviabilize o desconhecido e o diferente, uma autogestão arraigada às suas tradições, que não se permite desterritorializar-se... A *Autogestão Nudez Castigada* pode estar presente, como ação reativa e castradora, como correção ortopédica, quando outros grupos ou indivíduos buscam construir experiências libertárias fora dos padrões da ortodoxia anarquista e são perseguidos e negados em função da defesa das tradições históricas do anarquismo. Como se houvesse apenas uma maneira de ser da autogestão libertária. Em contraposição a isto, o grupo-pesquisador criou a *Autogestão Sair Sem Rumo*, cartografando territórios desconhecidos, desafiando-se continuamente, sem direcionamentos pré-determinados, e aberta a outras possibilidades. Inspirada nas raízes aéreas do mangue, a *Autogestão Raízes*, cuja fixidez não impede a sua flexibilidade, conhecer as origens da autogestão libertária, seus propósitos iniciais, não inviabiliza a construção de novos ordenamentos autogestionários, o transitar flexivo sobre outras formas de viver a autogestão. A fixidez das raízes, como metáfora da autogestão, não impede a liberdade das pessoas e dos grupos libertários de produzirem novos rizomas, novas conexões. Interessante pensar a autogestão como rizoma... movendo-se radicalmente.

As experiências de reapropriação do corpo das práticas e da história libertárias têm afirmado que a autogestão, mais do que uma concepção idealizada, é uma prática que se contrapõe à noção de que um grupo não pode se organizar sem a presença de um centro decisório. Os grupos juvenis anarquis-

tas contemporâneos esforçam-se em mobilizar mais pessoas do que se possa imaginar. Entretanto, como a maioria das ações libertárias está fora do cabedal da mídia capitalista, elas tornam-se parcialmente invisíveis ao corpo da sociedade. Em boa parte dos casos, os próprios grupos autogestionários encarregam-se de manter suas ações restritas às esferas iniciadas no tema, longe da imprensa oficial; por isso, essas experiências permanecem no circuito *underground*, circulando em rede. De inspirações libertárias e desenvolvidas por variados grupos de jovens anarquistas locais, elas questionam a ideia, bastante instituída no ocidente, segundo a qual a autoridade é um fenômeno natural, e demonstram que o desejo de construir uma nova sociedade sobre outras bases é algo bastante atual. Mas isso não significa que essas mesmas experiências não estejam sujeitas a contradições, as quais podem conduzir o grupo a se distanciar do propósito de construir formas de organização em que as interferências do fenômeno da autoridade percam cada vez mais sua força dentro do grupo.

Os anarquismos encerram certos fundamentos: Crítica Radical ao Estado e ao Capital; negação das formas de Autoridade; construção de mecanismos dinâmicos de participação política direta dos sujeitos, como contraposição às experiências autoritárias, às ditatoriais e à democracia representativa – no sistema democrático capitalista, a própria Democracia é a mentira do Capitalismo. A representatividade democrática é a espetacularização da vida política das pessoas. Na democracia representativa, a ação política se distancia, como numa representação; a *Ação Direta* é vista como estratégia de participação política, negando a via parlamentar e a militância político-partidária; o conceito de *Resistência* é contraposto ao clássico conceito de Oposição; Potência, ao invés de Poder; *Autogestão* como contraponto às experiências heterogestionárias. Queremos retomar nossas lutas e nossas formas singulares de participação política, contra as formas instituídas (partidos, programas governamentais, ONGs, igrejas, sindicatos). Interessa-nos a Democracia Direta.

A prática autogestionária, entre os anarquistas do século XIX, surgiu da necessidade de criar mecanismos que possibilitassem a desconstrução do fenômeno da autoridade. Inicialmen-

te eles experimentaram pôr em prática esse projeto no âmbito da produção econômica porque os preocupavam sobremaneira os processos de alienação do trabalhador impostos pelo modo de produção capitalista. Nesse contexto, a autogestão da produção colocava todo o processo produtivo sob o controle direto dos trabalhadores nas fábricas, inclusive com rodízio das funções, para não haver a especialização do trabalho e a fragmentação do trabalhador (ALBERT et al., 2004). Dessa forma a autogestão, surge, entre os anarquistas, como estratégia e fundamento que busca a abolição da autoridade e a superação da alienação do trabalhador. Tais ideias são consideradas uma grande novidade para a época, porque representam um questionamento contundente das bases em que está ancorada a sociedade capitalista.

Embora as experiências autogestionárias libertárias não tenham sido tentadas somente na esfera da produção econômica, pois se sabe que, durante os séculos XIX e XX, os anarquistas experimentaram a autogestão em vários domínios sociais, o sentido economicista que esse termo hoje evoca se deve ao fato de as experiências que se realizaram no âmbito da economia fabril acabarem se tornando mais conhecidas e ganhando maior visibilidade. Esse sentido excessivamente economicista está presente nesse conceito de autogestão: “[...] não é senão, por si só, uma prova gritante do grau de apropriação que as palavras sofrem na sociedade industrial.” (BOOKCHIN In: ALBERT et al, 2004, p. 62).

Mas a autogestão para o anarquismo, tanto para os clássicos quanto para suas formas contemporâneas, é um conceito que não se restringe ao domínio da produção econômica; ela se estende a outras esferas da vida social. Ela é vista, também, como um processo que se dá nas esferas do micropoder, onde as relações interpessoais e inter-institucionais ocorrem, e onde, não menos frequentemente, se estabelecem relações heterônomas entre os sujeitos. A autogestão anarquista não se propõe somente a reorganizar o processo produtivo na indústria ou em outros ambientes de trabalho de maneira a garantir um rodízio de tarefas e evitar as formas de alienação do trabalhador; todo e qualquer agrupamento humano pode se organizar com autonomia e gerir suas ações sem um centro de poder, sem a hierarquização dos postos de comando; autogestão é a realização das potências das pesso-

as e uma luta constante contra o empoderamento. Autogestão na escola; autogestão a família; cidades autogestionárias; a floresta é um sistema complexo de autogestão. Toda a natureza o é.

Guattari nos põe outra perspectiva sobre a autogestão, uma ponderação importante sobre a relação Estado e práticas autônomas nas sociedades contemporâneas. A autogestão como uma extensão do próprio braço controlador do Estado. Ele afirma que cumpre ao Estado, na qualidade de *Estado-Mediador* (GUATTARI; ROLNIK, 1996), um papel importante no processo complexo de produção de subjetividade capitalística e que esse Estado, com suas funções ampliadas que transcendem os poderes administrativo, financeiro, militar e policial, caracteriza-se como Estado-Providência, exercendo um disciplinamento descentralizado sobre o ordenamento social. Ele põe em funcionamento um sistema de subvenções que

[...] fazem com que o grupo se autorregule, se autoforme, se autodiscipline; um sistema de informação, de exame, de controle, de hierarquia, de promoção etc. O Estado é um conjunto de ramificações, essa espécie de rizoma de instituições que denominamos “equipamentos coletivos”. É por esta razão que o Estado pode falar, sem medo, em descentralização. É também por essa razão que programas partidários podem incluir, sem medo, propostas de autogestão. (GUATTARI; ROLNIK, 1996, p. 147)

Um processo autogestionário de participação, colaboração e adesão plena aos processos de produção de subjetividade capitalística: nenhuma ruptura possível. Esses processos autogestionários controladores e disciplinadores não estariam localizados exclusivamente nos setores da fábrica, da corporação, da indústria, enfim, dos setores responsáveis pela produção da mercadoria, enquanto materialidade; pelo contrário, estariam circulando, espalhados como rizomas, sobre as estruturas do ordenamento social, podendo participar das políticas públicas desse Estado, sem que isso produza quaisquer ameaças à ordem do Capital.

É uma autogestão com materialidade, ela tem um *topos*, um lugar onde se realiza; mas essa forma autogestionária em nada interessa aos agenciamentos maquínicos anarquistas. Por essa razão, é preciso qualificar a autogestão, adjetivá-la. Aos anarquismos interessa uma autogestão que rompa com processos de modelização da subjetividade capitalística e produza subjetividades libertárias.

Recusar o tipo de subjetividade capitalística que nos é imposta pelas estruturas disciplinadoras e de controle e, reafirmando nosso sujeito anárquico (esse Singular Indeclinável), promover novas formas de subjetividade, é a trilha por onde anda a *Autogestão Caçador de Subjetividades*. Constituir o “sujeito anárquico”! O desafio libertário dessa autogestão é produzir novas formas de resistência contra o poder, contra o Estado, contra os fascismos: máquinas desejanter inconformadas! Mas é importante compreender que essas subjetividades transcendem o eu-individual como unidade fundante, e propõem a morte desse eu-atomizado, e a maquinação das *múltiplas singularidades* do ser... mil devires, em mil platôs! (DELEUZE; GUATTARI, 1997) Vivenciar ser um não-ainda-existente, ser um outro-absolutamente-diferente!

Desconstruir o papel da masculinidade, por exemplo... deslocar a genitália de seu centro de poder...

Um confeto importante criado pelo grupo foi o da *Autogestão Coletividade Sustentável*, reafirmando a colaboração singular de cada companheir@ para compor a miscelânea anárquica da autogestão... O que garante a sustentação da vivência libertária é saber experimentar os saberes diferentes que cada um traz na construção da coletividade. Saber respeitar o potencial de cada membro do coletivo, as colaborações que tem a dar, as trocas... o singular indeclinável de cada *compa* (redução afetiva para companheir@). Evitar um padrão de conduta libertário, que almeje uniformizar os gestos, as falas, os enunciados, as ações, as atitudes.

Mobilizados pelo desejo de viver e conviver autonomamente, grupos libertários reinventam a autogestão e se lançam nessa construção, nesse esforço de criação de novas práticas e vivências coletivas, nas quais se combate a formação de lide-

ranças perenes, a concentração de poder, a hierarquização das funções, a centralização das decisões, a alienação dos sujeitos pela separação entre as instâncias decisórias e as de execução. Para os grupos libertários contemporâneos, a autogestão é um dispositivo teórico e operativo que possibilita questionar a existência da autoridade, bem como promover sua desnaturalização; mas também é um dispositivo de construção da autonomia.

Toda uma tradição racionalista do anarquismo do século XIX não foi capaz de impedir o surgimento de uma crítica à cientificidade pelo grupo-pesquisador. Pelo contrário, certa cientificidade, ao longo do século XX e no início desse XXI, tem feito surgir inúmeros pontos de resistência contra as formas fascistas com que segmentos da Ciência têm tratado a vida, o ser humano e os animais não humanos. Os anarquismos do XXI já não são indiferentes à dor dos animais, e se esforçam por construir uma ética da vida que colabore efetivamente por uma libertação radical dos animais não humanos da subjugação ao animal-homem. Assim, os anarquistas se fizeram vegetarianos, veganos, libertadores de animais... pautaram suas lutas pela ampliação do conceito de opressão e de liberdade... Como autogerir sua vida, mantendo subjugados os outros animais? Mas como libertar os animais, sem uma luta em conjunto pela libertação de todo o planeta da presença destruidora do capitalismo? Como Deleuze diz: não há posição de desejo, por minoritário que seja, que não ponha em causa todo o capitalismo (DELEUZE, 2008). O corpo coletivo do grupo-pesquisador criou, então, o confeto *Autogestão Macaquinho-Afoito-Babuino*, esse devir-animal destruidor de certa racionalidade cientificista... essa que chama os animais enclausurados em laboratórios de animais de laboratórios e transforma seus corpos aprisionados e dilacerados em experimentos, em dados estáticos, em mercadorias a serem consumidas pela sociedade tecnológica. Uma experiência autogestionária contemporânea que questiona a violência desse fazer científico. Afoita que é, gosta de burilar e de bulir nos conceitos científicos arraigados, buscar destruir seus fundamentos e livrar-se, pela destruição, dos argumentos de certa racionalidade. Questiona o papel central e dogmático que a Ciência construiu em torno de si ao longo dos últimos séculos.

Como ludditas do século XXI, no grupo emergiu um conceito violento e destruidor, sob a forma de um devir-animal. Uma ação destruidora autogestionada que nos permite [re]conectar ao natural agora, um contato direto com a natureza, pois é preciso destruir toda prisão que nos impede de retornar ao natural. É a força destrutiva/construtiva de que fala Bakunin? Essa forma orgânica de um devir-animal, *autogestão macaco quebra-tudo*, potência do novo, metaforiza esse desejo de reconexão. Ela pode muito bem ganhar contornos literais, nada metafóricos... autogerir, no real, nossos reconectores.

As relações capitalísticas criam nos sujeitos desejos e maneiras de viver mediados pela forma-mercadoria. Mesmo as resistências tendem a ser capturadas por esse maquinismo e a perderem seu potencial de ruptura e de irrupção subversiva, deixando de responder mais às problemáticas dos grupos marginais (GUATTARI; ROLNIK, 1996, p.142). É preciso que os grupos anárquicos produzam formas de resistências autogestionárias criativas que não se deixem capturar pelo maquinismo do Estado.

O grupo sociopoético imaginou outra autogestão, mais colada aos instintos dos sujeitos, que purgue nosso corpo da intoxicação promovida pela civilização com seus excessos de consumo, de clausura e do apagamento do animal no ser humano... essa civilização que produz um cotidiano controlado e formatado, distanciado dos instintos que dão sustentação às nossas vidas. Uma *Autogestão Raízes da Desintoxicação Civilizatória* pode colaborar na construção de uma vivência libertária que faça cessar os fluxos maquínicos do capital, produzindo um devir-animal... que cheira, que corre, que constrói sua própria morada, que caça seu próprio alimento.

Se, no século XIX, as experiências autogestionárias eram, em sua maioria, compostas por ações e atores sociais circunscritos num processo relativamente definido no campo econômico-social (o operariado industrial francês, inglês, os trabalhadores italianos...), cujo conteúdo e forma giravam em torno da ocupação fabril, da circularidade dos postos e de outros dispositivos de horizontalização das relações de produção; hoje, nos primórdios do século XXI, em que se capturou a autogestão fabril para perpetuar as relações de produção da mercadoria, considerando os espaços amplos (ainda amplos) do manguê banhado pelo

rio Cocó, é preciso construir uma autogestão movediça, que não se deixe apanhar pelas formas pré-definidas... uma autogestão difícil de promover capturas, pois suas formas livres e em movimentação constante, seus significados e sua sintaxe mutantes fazem das tentativas de capturas capitalísticas tarefa impossível. Imagino essa autogestão que não se deixa pegar – o grupo-pesquisador a chamou de *Autogestão Linguagem Movediça*.

É preciso colocar nossas subjetividades em interação e vivenciar o lúdico na coletividade, porque a autogestão pode fugir de uma prática sisuda e sem cor e brincar na experimentação de sensações distintas – uma *Autogestão Macaco Brincalhão*.

Uma autogestão movediça e brincalhona assim foi experimentada pelo Coletivo 12 Macacos.

Os *macacos*, no Coletivo 12 Macacos, ao vivenciarem macaquinicas experiências vegetarianas logo perceberam a necessidade de busca por autonomia na produção de alimentos (os supermercados nos entregam os alimentos processados, prontos para o consumo rápido, fácil e descartável – nos tiram a experiência ancestral de produzir nosso próprio alimento), o que nos levou à horta doméstica urbana e às práticas de jardinagem guerrilheira (tática de plantio não ordenado e não autorizado nos espaços urbanos vazios e cinzas: jogue um punhado de sementes de jerimum no terreno abandonado do seu vizinho ou de um canteiro ou de uma praça, você não precisa ser o beneficiado por esse plantio subversivo; coloque sementes variadas em bolinhas de barro e atire-as, com estilingue ou com as mãos, por sobre os terrenos baldios... produza sua mini-agro-floresta urbana. Porque esperar uma política pública de arborização? Você faz sua própria política, e com as mãos... se for em bando, melhor ainda...). A horta levou à permacultura, que levou os *macacos* a desejar formas alternativas de se construir a própria moradia (a arquitetura vernacular foi a melhor resposta para esse desejo: produzir autonomamente e em mutirão significa dizer em rede com outras pessoas e outros grupos, seu espaço de habitação, com os materiais disponíveis no meio, com um mínimo de deslocamentos e de consumo de combustível fóssil); que levou ao desejo de uma vida em comunidade (comunidades intencionais); andar de bikes pelas ruas da cidade levou os *macacos* ao desejo de abandonar o automóvel,

que levou ao desejo de ir mais longe de bicicleta... O desejo maquinaico levou os 12 Macacos a experimentar momentos de vida fregan e de reaproveitamento criativo do lixo industrial (carteiras de cédulas com caixas de tetrapak, pufs de pneus, cadeiras de garrafas pet, mesinhas de isopor etc...) e à tática yomango (destruição sutil de mercadoria ou expropriação criativa da mercadoria, atingindo grandes redes ou corporações – alimentos, livros, roupas, acessórios eletrônicos – destruir a lógica de circulação do capital, como a outra ponta de uma mesma ação luddita; ou ainda uma ação de TP: colocar mensagens nas roupas para que as pessoas, nos provadores, leiam, surpresas: “Roube esta mercadoria”, “O desejo de consumo te aterroriza”, “Considere a possibilidade de deus te desprezar”, “Você não é o que consome”).

Na construção de fluxos maquinaicos vinculados às demandas por uma vida autogerida, nos defrontamos com a forma heterogestora da vida e da vida escolarizada. O que há na experiência da educação escolar instituída pelo Estado – “os grandes corpos sociais constituídos”, no dizer de Guattari (1996, p.141) – é uma estrutura hiper-hierarquizada; uma vertical que sobrepõe esferas centralizadas de poder de uma ponta supostamente despoticizada (alunos, professores, comunidades, funcionários etc.) a um cume com ramificações que o une a outros órgãos desse corpo social, tudo isso atravessado por fluxos de poder. A hierarquia da fábrica da subjetividade capitalística, a fábrica-escola, cujas funções vão além do mero reproduzir (como interpreta a tradição marxista), produz as relações sociais do capitalismo.

A pesquisa tem potencial suficiente para favorecer uma reflexão sobre a demanda em se buscar formas mais autônomas de produção do conhecimento, a partir de novos processos educativos. Produzir o novo, de uma nova forma, inventiva e criativa, que reafirme a vida. Processos outros que superem a reprodução de saberes esquadrihados pelas ciências, como habitualmente a educação escolar realiza. Pela maneira como é organizada, a escola atual, centralizadora e hierarquizada, vive de uma série de dispositivos instituídos que exercem um controle e uma uniformização violenta por sobre os sujeitos – modelização da subjetividade capitalística, diria Guattari; a Sociedade de Controle, como percebe Deleuze:

[...] uma nova mutação do sistema capitalista em que os mecanismos de produção e regulação das subjetividades – os *controlatos* – operam suas funções de modulação, (sobre)codificação e (re)territorialização de forma ultrarrápida, muito mais fina, em meio aberto, mediante controle contínuo e comunicação instantânea. (COSTA, 2000, p. 128).

Tem-se a centralização de um saber racionalista que todos temos de atingir, um saber pré-definido, o saber científico que foi previamente esquadrinhado, estabelecido e autorizado por outrem. Esta estrutura institucional cristalizada, a escola contemporânea, é uma estrutura autoritária, onde se produz, nos seus espaços cotidianos, uma (con)vivência heterogestionária. Interessa-nos mais a produção de formas autônomas de viver e de conviver, de produzir o saber novo e o novo no saber... máquinas desejanças que se ocupam de construir um outro-absolutamente-diferente. Esse outro-absolutamente-diferente habita as ruas, os *squatts*, os mangues, as praias, os lugares mais inusitados, onde novos processos educativos, reinventados, produzem novos saberes e formas novas de viver; inclusive, pode vir a habitar os espaços desautorizados da escola. É preciso favorecer agenciamentos maquínicos inusitados e inventivos, baseados em novas formas de relações sociais e interpessoais mais autônomas.

Referências

ALBERT, Michel et al. **Autogestão hoje**: teorias e práticas contemporâneas. São Paulo: Faísca Publicações Libertárias, 2004.

BANCAL, Jean. **Proudhon et l'autogestion**. Paris: Federation Anarchiste, 1980. Collection de Formation Anarchiste, 10-11

BEY, Hakim. **Caos**: terrorismo poético e outros crimes exemplares. São Paulo: Conrad, 2001.

COLLECTIF. **L'autogestion anarchiste**. Paris: Edition du Monde Libertaire, 2005. Collection Brochure Anarchiste.

COSTA, Sylvio. *Esquizo ou da Educação*: Deleuze educador virtual. In: LINS, Daniel; COSTA, Sylvio de Sousa Gadelha; VERAS, Alexandre

(Orgs.). **Nietzsche e Deleuze**: intensidade e paixão. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2000. p. 117-132.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **O que é a filosofia?** Rio de Janeiro: Editora 34, 1992.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs**: capitalismo e esquizofrenia. São Paulo: Editora 34, 1997. Coleção TRANS.

GAUTHIER, Jacques. Trilhando a vertente filosófica da montanha: Sociopoética - a criação coletiva de confetos. In: GAUTHIER, Jacques;

PETIT, Sandra Haydée. (Orgs.). **Prática da pesquisa nas ciências humanas e sociais**: abordagem sociopoética. São Paulo: Atheneu, 2005. p. 257-286.

GUATTARI, Félix; ROLNIK, Suely. **Micropolítica**: cartografias do Desejo. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 1996.

GUÉRIN, Daniel. **L'anarchisme**: de la doctrine à l'action. Paris: Gallimard, 1965. Collection Idées, 89.

JOYEUX, Maurice. **Autogestion, gestion directe, gestion ouvrière**: la F.A. et l'autogestion. Paris: Federation Anarchiste, 1973. (Collection de Formation Anarchiste, 9).

JOYEUX, Maurice. **Reflexões sobre a anarquia**. São Paulo: Imaginário, 1999.

LOURAU, René. **Análise institucional e práticas de pesquisa**. Rio de Janeiro: UERJ, 1993.

PETIT, Sandra Haydée; ADAD, Shara Jane Holanda Costa. Ideias sobre confetos e o diferencial da Sociopoética. **Entrelugares**. Revista de Sociopoética e Abordagens Afins, v. 1. n. 2, mar/ago 2009.

RYOKI, André; ORTELLADO, Pablo. **Estamos vencendo!**: resistência global no Brasil. São Paulo: Conrad, 2004. Coleção Baderna.

SOUZA, Sandro Soares de. Abordagem singularizadora sobre a auto-gestão libertária: o confeto sociopoético como agenciamento maquínico. **Entrelugares**, Revista de Sociopoética e Abordagens Afins, v. 4. n. 1, set 2011/fev 2012.